

# COLÔMBIA: UM QUEBRA-CABEÇA DE VIDA E MORTE

Adrián Padilla



**N**os últimos três meses, uma onda de fatos tem abalado a cena política colombiana. Nada de raro em época eleitoral. Mas, a contundência desses acontecimentos faz com que a atenção aumente em relação ao presente e ao futuro daquele país latino-americano.

Na primeira semana de março, uma notícia espalhou-se pelo mundo todo: o exército colombiano estava desenvolvendo uma das campanhas militares de maior escala das realizadas até então contra um grupo guerrilheiro, no caso, contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). A operação, que incluiu a participação de tropas de elite e o uso de helicópteros, tinha o objetivo de eliminar o Estado Maior do grupo guerrilheiro e, por isso, o local escolhido para a ação foi o Sul de Bogotá, região histórica dessa organização que se movimentava por todo o território colombiano. Os confrontos prolongaram-se por mais de uma semana e os resultados foram tão negativos para o governo – mais de 80 soldados mortos e a queda de três helicópteros – que o secretário geral da OEA (Organização de Estados Americanos), César Gaviria Trujillo, ex-presidente da Colômbia, os qualificou como o maior desastre do exército de todos os tempos. Essa situação não só indica a força e capacidade militar da guerrilha, mas também abre um leque de questionamentos sobre a situação colombiana. Por que depois de quase quatro décadas de luta, no mundo “pós-muro”, a experiência

guerrilheira na Colômbia continua a ter vigência? Qual a relação da sociedade civil colombiana com os fatores beligerantes? Quais as condições para uma saída política negociada? Alguns observadores acreditam que os Estados Unidos poderiam intervir diretamente pelo fracasso do exército colombiano. Estaríamos falando de um novo Vietnã?

Ainda no mês de março, foi publicado pelos meios de comunicação o andamento das conversações para um acordo de paz entre representantes do governo de Ernesto Samper e os guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional (ELN), a segunda força insurgente do país, que estavam sendo feitas em Madri. O ELN fechou o diálogo porque, segundo eles, não se respeitou o sigilo acordado entre as partes. As autoridades colombianas atribuíram o fato à morte do máximo chefe do ELN, o padre Manuel Pérez.

Abril começou com uma notícia que chocou grandes setores da sociedade civil colombiana. Em Bogotá, foi morto o advogado Eduardo Umaña Mendoza, reconhecido lutador pelos direitos humanos. Esse fato, junto a novos massacres na região bananeira de Urabá, geram uma mobilização nacional.

Em maio, mês eleitoral, aconteceram inúmeras atividades pela paz e pelos direitos humanos. Desde a passeata do dia primeiro até a concentração de milhares de pessoas na Plaza de Bolívar, no centro histórico de Bogotá, dia 19, para lembrar o primeiro aniversário do assassinato de Mario Calderón e Elsa Alvarado (pesquisa-

dores do Centro de Informação e Educação Popular, instituição ligada à Igreja Católica).

No último dia de maio aconteceram as eleições em primeiro turno. De um universo de votantes de 20 milhões de colombianos, quase 50% participaram do pleito. Os resultados levaram ao segundo turno os principais candidatos: Horacio Serpa (Partido Liberal) e Andrés Pastrana (Partido Conservador). Pastrana sagrou-se vencedor das eleições no segundo turno.

Sem dúvida, estamos falando de um quebra-cabeça político, social e histórico. Além do mais, com a quantidade e qualidade das informações veiculadas pela mídia brasileira sobre o que acontece nos restantes países latino-americanos (fora do Mercosul), os termos que melhor definem uma visão sobre a Colômbia são: desinformação e confusão.

### **Percorso de uma crise**

Localizada no limite norte da América do Sul, a Colômbia tem um milhão de quilômetros quadrados. Sua população de pouco mais de 30 milhões de pessoas encontra-se, basicamente, em duas geografias: tropical e montanhosa. Desde o século passado o país se desenvolveu em quatro grandes regiões: o litoral atlântico, o alto Magdalena ou Cordilheira Oriental, o Valle de Cauca e Antióquia.

Os interesses políticos e econômicos criados em cada uma dessas regiões gerou confrontos entre elas pela dominação do país. A partir desses enfrentamentos surgiram

inúmeras guerras civis que marcaram a história desde a independência até 1902, impossibilitando um desenvolvimento econômico coerente e gerando muita pobreza.

Desde o final do século passado começou-se o processo de unificação política da Colômbia como nação. Em 1886, promulgou-se a Constituição Nacional da República, mas foi só em 1902 que acabaram os enfrentamentos regionais e as guerras. Esse processo político aconteceu conjuntamente com o

processo econômico que deu o salto de uma economia baseada na exploração mineira e do tabaco para uma economia moderna, sustentada na exploração do café. A partir de então, a zona central do país, com sua capital Bogotá, e o café ficaram dominando o país.

No começo do século XX, a Colômbia era considerada como um dos países mais pobres do continente. Depois de várias décadas, sua economia chegou a ocupar o quinto lugar na região. Em 1930,

70% da população era rural, hoje mais de 70% dos colombianos moram nas cidades. Este processo, estimulado pelo capital internacional, tem gerado grandes diferenças sociais. Um pequeno grupo acumulou muita riqueza, enquanto os trabalhadores, tanto do campo como das cidades, e os moradores das favelas ficaram na miséria e na pobreza extrema.

Já na década de 50 essas mudanças eram significativas. Os camponeses chegaram às cidades,

## FARC EM LUTA POR UMA COLÔMBIA JUSTA E UNIDA

*As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) é uma das duas organizações de esquerda que ainda atuam dentro da linha da luta armada para tomar o poder político. Estamos falando de uma das experiências guerrilheiras mais antigas do continente. Sua origem, de fato, pode ser localizada na década de 50, embora seu nascimento oficial tenha sido em 1964. Em fevereiro passado, um mês antes do desenvolvimento de um dos confrontos bélicos mais importantes dos últimos tempos, entre o exército colombiano e as forças insurgentes das FARC na região do sul do Tolima, foi publicada na revista colombiana Alternativa, uma entrevista com Alfonso Cano, membro do Estado Maior e do Secretariado dessa organização político-militar. Neste trabalho jornalístico o chefe guerrilheiro expõe sua visão sobre a atual conjuntura colombiana e fala das propostas políticas de sua organização. A seguir, reproduzimos trechos da entrevista concedida a Carlos Wilmer.*

### **As FARC mantêm posição de não discutir propostas de paz com o governo de Ernesto Samper?**

Em uma plenária do Estado Maior das FARC, em novembro passado, analisou-se a necessidade de insistir em propostas para a solução política da crise que vive a Colômbia. Não temos as portas fechadas para que as negociações possam começar imediatamente.

### **E se o governo aceitar as suas propostas de afastar as forças do exército das zonas que vocês estão exigindo?**

Se ocorrer essa “limpeza” nos cinco municípios que indicamos, nos sentaremos a olhar todos os detalhes e conversaremos com aqueles que têm manifestado seu interesse em impulsionar este processo, ou seja, os grêmios econômicos, a Cruz Vermelha Internacional, a Comissão Nacional de Conciliação e as ONGs para chegarmos a um acordo nas dimensões da discussão. A sociedade colombiana deve se comprometer com o desenvolvimento de

um processo de conversações entre a insurgência e o governo, mas não pode ocorrer como das vezes anteriores se utilizou o tema da paz como bandeira para politicagem, tal como aconteceu no governo de César Gaviria.

### **As FARC aceitariam dialogar com os paramilitares?**

O paramilitarismo é uma política de Estado, tem os mesmos interesses. Seus chefes são personalidades do Estado. Os paramilitares não brigam pelo poder político nem contra o Estado. Eles são cuidados, formados e financiados pelo Estado. Falando com o governo, com os generais, esse setor estaria representado. Além do mais, o paramilitarismo não está pensado para combater a guerrilha. Está pensado para assassinar a população civil e gerar o terror. E isso é o que está fazendo, está semeando o pânico, realizando massacres, repetindo uma fase da história nacional, em termos de sadismo, já vivida nos anos 50. A política é a mesma: temperada e complementada com o uso dos meios que pretende apresentar um enfrentamento entre o paramilitarismo e a guerrilha. Isso não existe.

### **Afirma-se que ideologicamente a guerrilha é cada vez mais fraca e que perdeu seu norte político. Isso procede?**

Nossos inimigos, com bastante frequência, nos fazem essas acusações. Entendemos que é mais uma forma de confrontação ideológica nesta época turbulenta e difícil. Temos passado uma crise de fogo, a do campo socialista na década dos 90, que quebrou muitas organizações revolucionárias no mundo todo. A toda essa gente, que se havia feito ilusões e que não tinham bem “cimentadas” suas convicções e princípios, as deixou no caminho. Mas, na verdade, os princípios que sustentam nossa atividade continuam sendo os mesmos com os quais as FARC começaram sua luta. Há 34 anos tratava-se de um grupo de 47 homens, com muita dignidade e grandes limitações. Hoje somos mais de 60 frentes, com

acompanhando as fábricas, os bancos e as modernas construções. A crise mundial, iniciada em 1968, abateu também a economia colombiana que sofreu posteriormente os efeitos do aumento nos preços do petróleo em 1973. Mas a Colômbia se saiu bem dessa crise, por vários fatores: o bom nível nos preços do café; o florescimento da economia subterrânea, baseada no tráfico da cocaína e da maconha, e os milhares de milhões de dólares que chegaram aos países pobres

em forma de empréstimos na segunda metade dos anos 70. No final da década dos anos 80, Bogotá tinha mais de 5 milhões de habitantes; Cali, Medellín e Barranquilla mais 5, e 20 cidades intermediárias tinham entre 100 mil e 150 mil habitantes. Ao lado dos grandes prédios, abriu-se o espaço da miséria. Os “gamines” – meninos de rua –, as favelas, o roubo, o sequestro como indústria, a crise dos partidos políticos tradicionais, a corrupção e o narcotráfico são os

sinais de uma situação política e social marcada pela violência em suas distintas expressões: estrutural e institucional. As explosões sociais, a repressão e a revolução social têm sua razão de ser neste processo político-econômico-social crítico e complexo.

### “El Bogotazo”.

#### E o começo da violência

Em abril de 1948, Bogotá foi cenário de importantes fatos histó-

inúmeras colunas, com espaços políticos conquistados tanto na Colômbia quanto no exterior. Estamos cada vez mais convencidos da justiça desses pleitos de há 34 anos, que têm grande incidência na vida política nacional.

#### Quais são seus princípios políticos?

Brigamos por uma sociedade justa, sem classes. Queremos o socialismo. Somos radical e verticalmente inimigos do sistema capitalista. E a possibilidade de uma sociedade igualitária tem suas próprias características, que têm suas origens nas raízes históricas, na diversidade cultural, em nossos antecedentes bolivarianos e por isso lutamos. Mas não pode ser um processo no qual um grupo de gente audaz desenvolva essa busca se isolando do povo. Não somos messiânicos. Disso deve participar o povo colombiano em seu conjunto. De outra maneira é absolutamente impossível conseguir essas metas.

#### Qual a maior diferença entre as FARC e o ELN?

Empregamos formas de luta similares, objetivos comuns, posições coincidentes com relação ao diagnóstico do país. Temos o que se chama no jargão da esquerda um acumulado histórico distinto, métodos e concepções diferentes sobre o desenvolvimento da política, da tática militar, da estratégia. Tudo isso produz enfoques distintos. Porém, mantemos boas relações com os companheiros do ELN.

#### Que experiência ficou de Las Delicias?\*

Muitas. Conseguimos mostrar que tudo o que disseram as autoridades era uma manipulação irresponsável que procurava gerar reações contrárias da população para conosco. Tratava-se de desconhecer que temos critérios revolucionários em relação ao adversário ferido ou capturado em combate. Nossos princípios são compatíveis com o Direito Internacional Humanitário. Politicamente, conseguimos mostrar ao mundo que seguimos vivos e queremos a paz. Que ela continua sendo nosso objetivo e que temos toda a disposi-

ção de seguir procurando, de qualquer jeito, a saída política para a crise. Em termos de militância, mais do que para nós, para o país, foi importante comprovar que a luta guerrilheira deste final de século tem elevado sua qualidade. Uma ação ofensiva tipo Las Delicias, uma base militar ocupada com mais de cem efetivos, tomada pela guerrilha, significa que esse tipo de luta se tem qualificado na Colômbia.

#### Que posição vocês têm perante o narcotráfico?

É um problema do capitalismo de tipo social e não de ordem pública. Há dois anos, quando começaram seriamente a campanha de fumigação aérea, informaram que havia 70 mil hectares de cultivos ilícitos na Colômbia. Jogaram glifosato e outros produtos químicos como bem quizeram nos rios, afetando pessoas, animais e mudando toda a ecologia. Falaram que haviam fumigado 46 mil hectares e acabado com 30 mil. E no último informe do *Washington Post* diz-se que há 72,5 mil hectares de cultivos ilícitos na Colômbia. Cresceram. Conclusão: Não existe poder humano, desde o ponto de vista da repressão, que possa impedir sem dar uma alternativa certa ao camponês. Não há trabalho para a gente, o desemprego cresce. Ou roubam ou se dedicam a cultivar coca. É um problema do capitalismo.

#### Finalmente, o que está propondo as FARC?

Que nós tenhamos maior participação na administração do dinheiro público. Um exército e uma polícia que não tenham na sua cabeça a concepção do inimigo interno, um tipo de autoridade armada distinta da que temos agora. Os dez pontos do projeto que elaboramos sobre o econômico, o social, as relações internacionais, a pesquisa científica, a reforma agrária integral e o narcotráfico, não foram feitos para excluir ninguém, mas, sim, para aglutinar.

\* Refere-se a uma ação militar que realizou as Farc em 1997 com a captura de mais de 60 soldados. O processo de libertação dos prisioneiros foi registrado pela mídia nacional e internacional. Neste caso, a Cruz Vermelha foi a mediadora.

ricos. Delegados dos países do continente reuniram-se para executar as orientações da “Doutrina Truman”, que teve a sua máxima expressão na criação da Organização de Estados Americanos (OEA). Este organismo constituiu-se em um fator fundamental para a política norte-americana no contexto da “Guerra Fria”. O governo norte-americano deu tal importância à IX Conferência Panamericana que o general George C. Marshall, então secretário de Estado, assistiu a dito evento. Sem dúvida tratava-se de garantir o controle das zonas de influência na visão dos blocos de poder. OS EUA estavam reafirmando a vigência da Doutrina Monroe, filosofia essencial de sua política exterior que exige um papel hegemônico para este país do norte sobre os restantes países do continente.

No dia 9 de abril daquele ano, enquanto se realizava a Conferência Panamericana, às 13 horas e 5 minutos, foi morto a tiros na “Carrera Septima”, avenida do centro histórico de Bogotá, o líder político mais popular da história colombiana: Jorge Eliécer Gaitán. Líder do Partido Liberal, Gaitán foi um homem de complexas facetas. A sua morte desencadeou uma ação de massas, de violência urbana, jamais vista na história da Colômbia. Essa forte resposta popular deveu-se, em grande parte, à profunda e carismática forma de ele falar às massas, exprimindo a realidade social.

Esses fatos, conhecidos como “El Bogotazo”, são o começo de uma nova etapa histórica neste país latino-americano. Em um período de uma década fala-se de um saldo de quase 300 mil mortos. A violência popular protagonizada pelo povo a partir da morte de seu líder foi respondida com maior repressão, assassinatos políticos, perseguições e desaparecimentos. A luta frenética entre liberais e conservadores abriu o período de “La Violencia”, onde surgiram as guerrilhas liberais (entre aos anos 1949 e 1957). O princípio fundamental dessa forma organizativa não foi a tomada do poder político através da via armada.

Seu objetivo principal era garantir a vida dos camponeses que fugiram para o mato, em primeiro lugar, para se defender da repressão. Tratava-se da sobrevivência, de exercer o direito à resistência. Nessas regiões surgiram formas de organização de autogestão econômica, política e social que foram chamadas pelo governo de Gustavo Leon Valencia de “repúblicas independentes”. No início dos anos 60, a existência dessas formas de organização foi debatida no parlamento colombiano, e, na mídia, conheceu-se a “República Independiente de Marquetalia” como uma das mais desenvolvidas. Em 1964, o exército realizou a chamada

“operación Condor” que consistiu em ataques militares com apoio da aviação para eliminar essas formas de organização, que segundo o deputado conservador Alvaro Gomez Hurtado representavam um grande perigo para a estabilidade da nação. Essa operação, a maior realizada pelo exército colombiano até então, concentrou-se fundamentalmente em Marquetalia, região Sul do Tolima. Entre os sobreviventes dessa ação militar estava Manuel Marulanda Velez, “Tirofijo”, atual máximo chefe das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

### **A guerrilha: uma luta e duas tradições**

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia são a organização guerrilheira mais importante e experiente do país. A sua evolução está vinculada ao nascimento e desenvolvimento das guerrilhas liberais dos anos 50; na atualidade está integrada por mais de 60 frentes (cerca de 20 mil militantes) espalhadas por toda a geografia nacional.

Manuel Marulanda Vélez, máximo líder das FARC, conhecido na história política colombiana como o legendário “Comandante Tirofijo”, em entrevista, realizada

na década de 80, lembrava-se dos fatos históricos determinantes para o surgimento dessa organização em 1964, depois de um forte ataque do exército a várias regiões rurais. O “Tirofijo” diz que “esse problema de Marquetalia que se prolongou por mais de vinte anos podia ser resolvido simplesmente com a visita de uma comissão do parlamento, do clero, de algumas autoridades civis ou militares que para elas tivessem conferido, na prática, o que havia nessa região. Era um grupo de 47 camponeses trabalhando, cada um era dono de um sítio e de sua casinha e possuía bens. Estavam produzindo para o mercado. Um problema para ser resolvido com uma conversa e não com uma ocupação militar”.

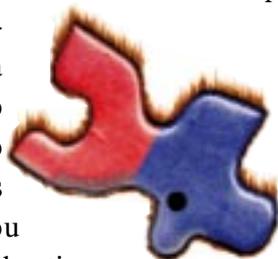
Nos primeiros dias de abril de 98, foi assassinado, em Bogotá, o advogado Eduardo Umaña Mendoza, do coletivo de advogados “José Alvear Restrepo”, que luta pelos direitos humanos. Em uma entrevista que lhe fizemos há 10 anos, ele falou das origens das FARC nos seguintes termos: “as FARC nascem dessas guerrilhas do planalto, ou nutrem-se delas, é dizer, nunca rompem com a etapa histórica mas é uma continuidade mais qualificada das guerrilhas do planalto. Esse movimento guerrilheiro (o do planalto) não nasce para se confrontar com as estruturas de poder político e sócio-econômicas, mas essencialmente para a autodefesa, é dizer, uma concep-

ção de se defender da repressão. Situação exprimida claramente com os bombardeios de algumas zonas rurais ou com a neutralização de algumas zonas estratégicas como no caso de Río Chiquito, El Pato, Guayabero e Marquetalia”.

Expulsos dessa região, esses camponeses-guerrilheiros fundaram oficialmente as FARC com outros destacamentos guerrilheiros do sul do Tolima. Nos anos 70, registra-se uma consolidação significativa que fornece as bases da organização atual. Nos acordos da 7ª Conferência propõe-se passar a um plano ofensivo mais radical; desde então vem se desenvolvendo uma capacidade e força militar que constitui o fator de maior peso para qualquer negociação política. A relação política das FARC com o Partido Comunista da Colômbia é um fato conhecido

e localiza-se, historicamente, no final da década de 50, nas guerrilhas do planalto. Mas, além dessa relação, essa organização tem procurado outros espaços políticos, como ficou claro na experiência da “Unión Patriótica” (UP) que nasceu em 1985 com o objetivo de fortalecer a luta popular e concorrer às eleições. Em 1986, na sua primeira participação eleitoral, ganharam espaço nos governos municipais e departamentais. A direita não tolerou essa participação e começou o extermínio dos militantes da UP. Em 1988 já haviam sido mortos mais de 800 militantes, incluindo seu líder principal, o advogado Jaime Pardo Leal.

Nos últimos processos eleitorais, a posição das FARC tem sido



de abstenção e de paralisações armadas nas regiões sob seu controle para não permitir as eleições que eles chamam de “fraude do bipartidarismo”.

### **Revolução cubana e a teologia da libertação**

A fundação dos Exército de Libertação Nacional (ELN), em 1965, reflete o impacto de dois importantes fatos históricos latino-americanos da década de 60: Re-

volução Cubana e Teologia da Libertação. Por um lado, apesar de o “foquismo” (herança da Revolução Cubana) como prática político-militar ser um fenômeno comum a várias organizações guerrilheiras desse país, é o ELN, pelo menos na sua etapa inicial, seu representante fundamental. Desde a tomada do povoado de Simacota, no departamento de Santander, em 1965, até as ações militares do noroeste de Antióquia (Otu, Santa Isabel, Remedios) e do sul do de-

partamento de Bolívar (San Pablo), em 1972, o ELN registrou um crescimento orgânico e uma projeção de sua política. Em 1973, sofreu um duro golpe com a perda de dois de seus fundadores, os irmãos Manuel e Antonio Vásquez Castaño, mortos em combate. Por outro lado, é significativa a participação de militantes cristãos nas fileiras dessa organização político-militar. A incorporação do padre Camilo Torres Restrepo ao ELN, em 1965, teve um grande impacto

## **NO OLHO DO FURACÃO**

*A atividade sindical na Colômbia pode resultar tão perigosa como a participação nas ações dos grupos guerrilheiros. A situação na qual se encontra Domingo Tovar Arrieta, Diretor do Departamento de Organização e Planejamento da CUT (Central Unitária dos Trabalhadores da Colômbia) é uma confirmação desse fato. Esse colombiano de 41 anos de idade, professor de segundo grau, pai de duas meninas, hoje mora fora de seu país, uma vez que se encontra ameaçado de morte. Tovar já foi alvo de quatro atentados, mas continua lutando pela mudança social, política e econômica.*

### **A Colômbia é o país da violência?**

Temos um país que está em guerra, e uma violência que a partir de 1948 toma conta da Colômbia, marcando de forma definitiva a sua história contemporânea. O eixo central dessa guerra é uma violência social que tem suas causas na própria estrutura social e econômica desenvolvida no país e no contexto internacional. A consolidação do modelo neoliberal exprime-se, entre outros fatores, na redução do gasto social que tem sido a ênfase dos últimos três governos. Estou falando de redução nas verbas para educação, segurança social, saúde, moradia, etc. Em contraposição, os recursos para o Ministério da Defesa são gigantescos. Além disso, os militares, por se tratar de “questões de segurança nacional”, manejam esses recursos com sigilo extremo, sem controle por parte das outras instâncias do poder. Parte desse dinheiro serve para o pagamento das “testemunhas sem rosto” que são um componente fundamental na chamada “Justiça sem rosto” que nasceu na Colômbia, supostamente, para combater o narcotráfico e o narco-terrorismo. Infelizmente, isso não ocorre. É uma violência social porque os trabalhadores com uma nova legislação de segurança social e uma nova reforma da lei trabalhista, que fazem parte do modelo neoliberal, têm perdido até o mínimo direito de realizar um protesto. Hoje existe na Colômbia a punição da ação social. Isso quer dizer que os sin-

dicalistas não podem fazer uma greve, uma paralisação, uma passeata. Isso nos dá o título de terroristas e de subversivos. Mais de uma centena de ativistas sindicais estão detidos nas cadeias colombianas sob esse tipo de acusação. Vale ressaltar o caso dos companheiros da “Unión Sindical Obrera” que estão sendo acusados de “narco-terroristas”.

### **Qual é a relação entre o narcotráfico e a guerrilha?**

Para falar nisso é bom levar em conta vários fatores. Primeiro, que o narcotráfico faz parte do capitalismo mundial. Segundo, que o povo colombiano não é consumidor da droga. E terceiro, que na Colômbia se produz uma das melhores bases de coca do mundo. Caso os Estados Unidos tivessem real interesse em combater o narcotráfico, eles fariam um investimento em campanhas para controlar o consumo dentro de suas fronteiras, já que eles são os maiores consumidores do mundo, em vez de usar esses recursos para incentivar a guerra e a violência em nossos países. Na Colômbia, o narcotráfico tem se transformado em uma fonte de emprego perante a incapacidade do governo. Por exemplo, em 1997 realizou-se uma greve de cocaleiros que não foi organizada por nenhum cartel de narcotraficantes. Foi uma ação organizada pelos trabalhadores do campo cuja atividade é o cultivo da coca. Por esse serviço eles recebem pagamento. Isso é toda uma cadeia de produção, desde o cultivo, passando pelo transporte, até chegar aos laboratórios onde é processada a folha e convertida em droga. O governo de Ernesto Samper Pizano é um governo ilegal, eleito com o dinheiro do narcotráfico. O narcotráfico é hoje um dos componentes do poder na Colômbia e sua relação é precisamente com os fatores do poder instituído e corrupto – políticos tradicionais, militares, juízes, etc. Essa, e não outra, é a relação mais clara do narcotráfico. Nós, como Central Sindical, como parte do movimento social colombiano, somos contra qualquer tipo de droga. Mas, exigimos do governo

nos movimentos de base da Igreja Católica, que na Colômbia sempre foi muito conservadora. A popularidade do padre Camilo Torres, como líder político revolucionário, cresceu significativamente com a sua morte em combate em 1966. Isso o colocou como uma figura mítica para o imaginário do movimento de esquerda não só na Colômbia como em outros países latino-americanos. Além do padre Camilo, ressalta-se a participação de Domingo Laín, sacerdote espa-

nhol, comandante morto em combate. E Manuel Pérez, padre jesuíta espanhol, chefe máximo do ELN até fevereiro deste ano, quando morreu nas montanhas colombianas vítima de hepatite.

Essa organização está hoje propondo um novo diálogo para um acordo de paz. As conversações começaram em Madri, na Espanha, e foram interrompidas porque os guerrilheiros consideram que não se respeitaram as condições prévias quando se fez “vasar” para a mídia

os resultados das primeiras reuniões. Segundo o governo colombiano, a ruptura deveu-se à morte do padre Manuel Pérez, o que teria radicalizado o Comando Superior do ELN. Os guerrilheiros já iniciaram o diálogo com o governo eleito. Na proposta de paz da guerrilha destaca-se uma convocatória para uma Assembléia Nacional Constituinte que defina os pontos fundamentais de um projeto nacional que permita encontrar uma saída política para a crise colombiana. **RA**

desenvolver um programa de ação social que permita que o trabalhador rural deixe de cultivar a coca. Que o governo abra uma zona de mercado para que os camponeses trabalhem com o café, a banana, o cacau.

#### **Como se exprime a aplicação do modelo neoliberal na Colômbia?**

Da população economicamente ativa, 57% estão na economia informal. Nas grandes cidades isso se reflete no aumento das vendas ambulantes nas ruas e avenidas e no crescimento das favelas e zonas marginais. Tudo isso contribui para que esses trabalhadores que estão sofrendo a crise econômica procurem as fontes de emprego, sejam elas quais forem. Também poderíamos falar do setor saúde que está privatizado. O governo começou com as chamadas empresas promotoras de saúde (EPS), que rapidamente o povo chamou de “Empresas Privatizadoras de Saúde”. Nos bairros populares os ambulatórios e os pronto-socorros foram fechados, excluindo do sistema de saúde a maioria das famílias colombianas. E isso não tem outro nome que não violência social. Por outro lado, está também a privatização da educação pública que se iniciou com a Lei 29. Isso sem entrar em detalhes a respeito dos demais serviços públicos (transporte, água, luz, esgotos, etc.) que já foram privatizados. A privatização na Colômbia é um fenômeno de centralização política desde o poder executivo. Concentra-se o poder, enquanto as responsabilidades são repassadas aos municípios.

#### **Existe a intenção do governo em difundir a idéia de que guerrilha e sindicalismo são a mesma coisa?**

Sim, existe a intenção de confundir a opinião pública internacional no sentido de que a guerrilha e o sindicalismo na Colômbia são a mesma coisa. Na realidade são duas coisas totalmente diferentes. Cada uma dentro de seu lugar social e político expressa a sua posição autonomamente. Existem coincidências quando falamos das soluções para os pro-

blemas fundamentais do país, embora as propostas políticas da guerrilha e dos movimentos sociais, em termos concretos, se encontrem em dimensões distintas. Desde os movimentos sociais estamos propondo um modelo de desenvolvimento alternativo ao neoliberalismo, um modelo de desenvolvimento sustentável, um modelo de desenvolvimento democrático. Essas propostas coincidem, em termos, com as propostas gerais das organizações guerrilheiras, no sentido de dar maior participação da população na dinâmica de desenvolvimento do país. Mas, a posição dos movimentos sociais é favorável a uma solução política para o conflito armado que hoje não só envolve as organizações revolucionárias e as forças de segurança do Estado colombiano, mas também os grupos paramilitares de ultra-direita, responsáveis pela maioria das chacinas acontecidas nas zonas rurais. As vítimas da violência política crescem a cada dia. Junto com essa violência cresce também o medo. Muitas pessoas enterram seus companheiros e familiares sem fazer nenhuma denúncia para evitar novas mortes. Uma das regiões onde mais tem acontecido esse tipo de massacre é na zona bananeira de Urabá, e quase todas as vítimas eram militantes da Central Unitária de Trabalhadores da Colômbia (CUT). Contudo, na Central, às vezes, tomamos conhecimento desses fatos depois de vários meses porque estamos falando de regiões bastante afastadas dos centros urbanos.

#### **Nos confrontos bélicos a população civil sofre outras conseqüências, além da violência direta?**

O conflito armado também tem gerado outro fenômeno grave: o deslocamento interno. Hoje fala-se em mais de um milhão de pessoas em condições de deslocamento. Pessoas que vão abandonando suas terras, suas casas e sua história pelo medo de serem mortas como supostas apoiadoras da guerrilha. Essas pessoas que fugiram da violência nas zonas rurais procuram segurança nas grandes cidades. Lá, no entanto, encontram-se com a violência social à qual, aos poucos, acabam-se integrando como vítimas e protagonistas.